

A XIII Bienal está reaberta. E expõe um grande debate:

O que é arte nacional?

O debate começou com a publicação do catálogo da própria Bienal. A apresentação da parte nacional, escrita por Olney Kruse, membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte e do Conselho de Arte da Fundação Bienal, colocava em dúvida a validade da arte brasileira ligada ou muito influenciada pela arte feita no resto do mundo. E ressaltava, como verdadeira arte nacional, apenas o trabalho que se produzisse, sem ufanismo, a partir de nosso folclore ou realidade cultural. 117 dos artistas mais considerados do Brasil assinaram então um manifesto contra a Bienal. E a Bienal respondeu que, apesar de não concordar com o teor da apresentação de Olney Kruse, não se sentia no direito de censurar matéria assinada por um especialista no assunto.

Os artistas: "Estamos indignados.."

O manifesto dos artistas, encaminhado ontem à Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo:

"Os artistas abaixo assinados vêm manifestar seu protesto contra os termos com que foi lavrado o prefácio do catálogo da XIII Bienal de São Paulo (págs. 55 e 56), que pretende apresentar e comemorar as manifestações passadas e contemporâneas das artes plásticas no Brasil.

A equidade da argumentação, a incorreção das noções ali enunciadas, e o deficiente e apressado balanço histórico da trajetória de nossa produção estética, prestam um involuntário desserviço à informação pública, nacional e estrangeira.

Além de evidenciar a imperícia de seu autor para lidar com tal matéria, esse texto, que não passa de um conjunto de anotações pilhéricas e desrespeitosas, compromete a imagem da Bienal de São Paulo diante dos artistas, do público em geral, e das entidades particulares e governamentais, que lhe emprestam prestígio e lhe facultam a sobrevivência.

É lamentável que essa instituição tenha autorizado e avaliado tamanha insolência aos autores do acervo artístico desta País. É e incompreensível. Pois o texto, advogando um vago e estranho sectarismo artístico, agride o próprio espírito de livre expressão da Bienal de São Paulo.

Apesar de não concordarmos com o teor da apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista do setor.

3 — que todos quantos discordarem dos pontos de vista exarados pelo autor da Apresentação têm o direito de protestar, mas devem fazê-lo diretamente ao responsável que no caso, é o signatário da referida Apresentação.

4 — que, no que lhe diz respeito, aproveita a Fundação para reiterar a confiança e a consideração que sempre devotou aos artistas brasileiros e para considerar definitivamente encerrada a questão.

Da reunião da Fundação participaram o vice-presidente da Bienal, Luis Rodrigues Alves; o presidente honorário Francisco Matarazzo Sobrinho; "mas como membro da comissão central da Bienal Internacional do Livro", o presidente em exercício, Oscar Landmann; o diretor cultural, Romão Mindlin; e o superintendente, Paulo Nathanael.

Entre outros, assinam o manifesto os seguintes artistas: Lothar Charoux, Tomie Ohtake, Marcelo Grassman, Manabu Mabe, Wlkaibalashi, Darcy Fentando, Nelsor Leirner, Nicolai Vlasov, Rebolon Gossard, Mario Gruber, Aldeimír Martins, Iberê Camargo, Carlos César e Luis d'Orsi — este último, segundo se comentou, ontem na Bienal, autor do texto do manifesto.



Durante os quase três meses de duração do Bienal, visitado por bem mais de 100 mil pessoas, o arte brasileiro não esteve em discussão. O debate começou com a publicação atarçada do catálogo oficial.

A Bienal apóia o crítico. Não a idéia.

Que, apesar de não concordar com o teor da apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista do setor. Depois de 40 minutos de reunião secreta na sala n.º 2, do segundo pavimento do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, ontem a tarde, esta foi a posição que a diretoria da Fundação Bienal assumiu diante do manifesto dos artistas.

Eles fizeram o manifesto em protesto contra os termos da apresentação da parte nacional, que foi publicada no Catálogo da XIII Bienal Internacional do ano passado. O documento foi encaminhado à diretoria, coincidentemente, em dia de reunião semanal da Fundação.

As quatro horas da tarde, Lotar Charoux e Ubi Bava, dois artistas plásticos, encaminhavam o documento à diretoria da Fundação, mas através de protocolo, sem nenhum contato pessoal. Às 17h40 eles voltavam, interrompidos a reunião para falar com Oscar Landmann, presidente em exercício, "sobre uns chequinhos". E comentavam que o presidente havia tomado conhecimento do manifesto, mas não do seu conteúdo.

Um pouco antes do começo da reunião, Romão Mindlin, diretor cultural, diz que a Bienal queria esquecer o caso. O que foi plenamente confirmado com a divulgação do comunicado de quatro itens, assinado "A Diretoria O Superintendente" O conteúdo:

1 — que não encampa as opiniões emitidas pelo autor da Apresentação que, como crítico filiado à Associação Brasileira de Críticos de Arte, e por elas o único responsável.

2 — que, apesar de não concordar com o teor da Apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista do setor.

3 — que todos quantos discordarem dos pontos de vista exarados pelo autor da Apresentação têm o direito de protestar, mas devem fazê-lo diretamente ao responsável que no caso, é o signatário da referida Apresentação.

4 — que, no que lhe diz respeito, aproveita a Fundação para reiterar a confiança e a consideração que sempre devotou aos artistas brasileiros e para considerar definitivamente encerrada a questão.

Da reunião da Fundação participaram o vice-presidente da Bienal, Luis Rodrigues Alves; o presidente honorário Francisco Matarazzo Sobrinho; "mas como membro da comissão central da Bienal Internacional do Livro", o presidente em exercício, Oscar Landmann; o diretor cultural, Romão Mindlin; e o superintendente, Paulo Nathanael.

A Fundação Bienal de São Paulo comunica

1 — que não encampa as opiniões emitidas pelo autor da Apresentação que, como crítico filiado à Associação Brasileira de Críticos de Arte, e por elas o único responsável.

2 — que, apesar de não concordar com o teor da Apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista do setor.

3 — que todos quantos discordarem dos pontos de vista exarados pelo autor da Apresentação têm o direito de protestar, mas devem fazê-lo diretamente ao responsável que no caso, é o signatário da referida Apresentação.

4 — que, no que lhe diz respeito, aproveita a Fundação para reiterar a confiança e a consideração que sempre devotou aos artistas brasileiros e para considerar definitivamente encerrada a questão.

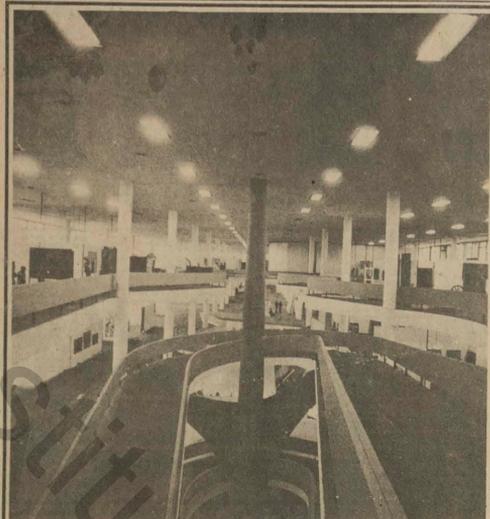
Da reunião da Fundação participaram o vice-presidente da Bienal, Luis Rodrigues Alves; o presidente honorário Francisco Matarazzo Sobrinho; "mas como membro da comissão central da Bienal Internacional do Livro", o presidente em exercício, Oscar Landmann; o diretor cultural, Romão Mindlin; e o superintendente, Paulo Nathanael.

Entre outros, assinam o manifesto os seguintes artistas: Lothar Charoux, Tomie Ohtake, Marcelo Grassman, Manabu Mabe, Wlkaibalashi, Darcy Fentando, Nelsor Leirner, Nicolai Vlasov, Rebolon Gossard, Mario Gruber, Aldeimír Martins, Iberê Camargo, Carlos César e Luis d'Orsi — este último, segundo se comentou, ontem na Bienal, autor do texto do manifesto.

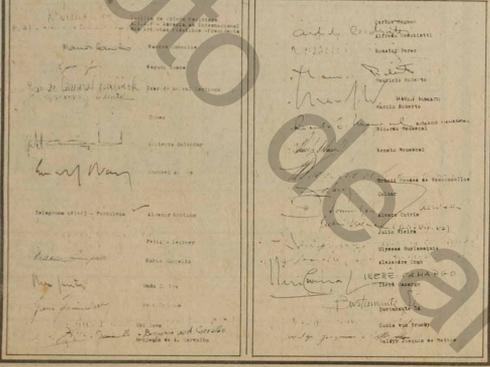
Um pouco antes do começo da reunião, Romão Mindlin, diretor cultural, diz que a Bienal queria esquecer o caso. O que foi plenamente confirmado com a divulgação do comunicado de quatro itens, assinado "A Diretoria O Superintendente" O conteúdo:

1 — que não encampa as opiniões emitidas pelo autor da Apresentação que, como crítico filiado à Associação Brasileira de Críticos de Arte, e por elas o único responsável.

2 — que, apesar de não concordar com o teor da Apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista do setor.



As assinaturas de protesto que reabriram a Bienal.



O antigo debate em busca dos conceitos precisos

A discussão definidora da arte nacional internacional, erudita e popular, é um passo morto que renasce a cada momento. Esse fenômeno está no caminho da consciência do seu tempo. No meio do caminho há um fenômeno e os homens rememoram nas suas cinzas a procura do real e de sua identificação no espaço e no tempo. E o homem que se busca e corre atrás do momento e se sente um homem indagando e perseguindo um espelho mágico. Mas essa discussão só é possível se entendermos a significação da arte e do artista em função de seu tempo e de sua eternidade. É a arte, o artista e o que entendemos por permanência, foram conceitos claros.

A arte é uma forma de conhecimento e, como conhecimento, ela alcança o limite de consciência. Para os historiadores o estudo da obra de arte é importante, porque elas delimitam e situam os limites de consciência ou consciência possível de uma classe social ou de um grupo de indivíduos. Dessa maneira, a arte é uma forma de conhecimento que estabelece a geografia possível. Desse ponto de vista, pode-se dizer que a arte é o limite ex de destruturar como grupo, conservando a identidade.

Dentro do mesmo ponto de vista, pode-se dizer que a arte é a expressão dialética de seu período histórico. Isto é, ela encerra em si o núcleo dialético de seu período. Ou, em linguagem mais expressiva, que a arte contém a essência do conflito de forças de seu tempo histórico. Dessa maneira ela é permanente porque capaz de expressar um momento essencial da Humanidade.

Esse conhecimento se organiza em termos formais, em relações de formas, cujo dinamismo e estrutura interna é descoberta e fixada pelo artista. Esse conhecimento, que é organizado formalmente, se remete aos que o vivenciam também através de formalismos, sendo o seu discurso uma metáfora feita de intuição, organização formal, sugestões. Não se pode esperar que ela modifique a sua linguagem essencial em troca de pobres sucedâneos, para ser melhor compreendida. Não e por acaso que os preguiçosos preferem alimentos culturais de segunda qualidade. Nesses, a linguagem já está diluída.

A obra de arte é sempre profundamente marcada pelo seu tempo. Ela é a própria expressão de seu período histórico. Quanto maior artista, mais marcada é a sua arte pelo seu tempo. Em ninguém a história deixa marcas tão fundas quanto nos grandes artistas.

Reunindo os conceitos, a arte contém o limite de consciência ou consciência possível de sua classe social. É a expressão dialética da história. É profundamente marcada pelo universo dos homens e, portanto, por sua capacidade de entender o real em sua essência, e permanente. Não é surpreendente que sejamos capazes de amar tão envolventemente Sófocles, Shakespeare, Fidias, os pré-colombianos, os egípcios. A Estíle é eterna e para sempre estíle, porque todo homem é um tradutor, que pensa novamente a arte ao seu nível pessoal. Hoje, não podemos ler Sófocles, não podemos ler Shakespeare, sabendo que Freud existiu. Mas o formidável é que Sófocles seja capaz de nos falar dentro de nossa mitologia e fabulário atuais.

Do ponto de vista científico, Jung nos falou dos arquétipos. Freud, da herança ancestral. A genética e a química da transmissão da memória e da própria existência. Todo homem contém em si todas as humanidades. E o artista é capaz de alcançar esse conhecimento de si mesmo e de sua espécie e de transmiti-lo através da eternidade da relação formal.

Dentro disso, quando uma arte é nacional? Uma arte nacional deve desprezar as informações "externas"? E o que será uma arte internacional?

Arte internacional, expressão inadequada que poderia significar a aceitação e inteligibilidade de uma relação formal (o termo adequado é universal) e toda expressão estética que, por mergulhar tão profundamente no meio social, no seu tempo histórico, foi capaz de descobrir e registrar aquelas simbologias que pertencem a todos os homens. Em outras palavras, o conhecimento real, dialético, essencial de uma relação humana, social e histórica, estabelece padrões universais de conhecimento e podem, na medida em que o homem se adequa ao sistema de conhecimento proposto, ser acessível e significativo para todos os homens. É como dizer que nada do que é humano não é estranho.

Dessa maneira, portanto, não é possível ser universal ou, dizendo mal, internacional, quando se registrou a essência do homem e da história. Não haveria, com se vê, oposição entre nacional ou regional e universal. Ao contrário, só existe a possibilidade de ser, ao mesmo tempo, as duas coisas. É universal o que é essencialmente regional, e o essencialmente regional, contém, por definição, os padrões universais do homem.

Cada região, país, lugar, grupo social tem seu fabulário, folclore, herança histórica, ha bits e particularidades. O artista e aquele que não permanece no superficial dessa amostragem, mas capta os elementos essenciais e determinantes dessa particularidade. É a diferença entre o criador e o acadêmico. O que seria essas particularidades? A cada momento elas são descobertas, redescobertas, organizadas e reveladas pelo artista. É o seu papel. A realidade que Balzac ou Picaasso organizou e revelou para seu con tempo e para o futuro. Não é possível, portanto, dizer an artista que é a realidade. Só é possível estar submisso e atento à sua obra para nos reconhecermos nela e nesse reconhecimento, entender o mundo e nós mesmos.

É necessário muita humildade, abertura de percepção e capacidade de aceitar um retrato de nós mesmos que, frequentemente, é desagradável e insuspeito.

A idéia de realismo em arte sempre foi uma longa discussão. O certo é que a nossa idéia de realismo aumenta e se alarga a cada nova obra. Não são estabelecemos o balanço do trabalho do artista. Mas seguimos, quietamente, os mundos que ele descobre. E se eterno descobrir e arte. É poesia. A arte e a estética são posteriores a obra de arte. Talvez não seja preciso ler Hegel! A contemplação a pleno espírito aberto, com as asas da inteligência sobre nós, de uma obra de Botticelli, Picaasso, Cézanne ou dos astecas, é suficiente para nos ensinar o mundo, a filosofia e a estética.

As linhas principais da expressão visual tem se repetido nas gerações, nas épocas e nas próprias civilizações. Há o desenho de Altamira e o de Picaasso. São da mesma família. E também, Henry Moore, os pré-colombianos, são irmãos de sangue. A geometria, também, não nasceu com Mondrian. E muito menos com o excelente Albertus que não tira o mérito de Mondrian. Albers, Picaasso, Moore. O mérito de um artista está na sua possibilidade de com os elementos de seu universo particular, organizar relações formais a níveis reveladores, essenciais e identificadores da Humanidade e de sua época.

De qualquer maneira, é evidente que o conhecimento do homem, artista ou não, possui a realidade, não pode ser desprezado. O conhecimento e o trabalho do homem. Todo conhecimento é patrimônio da humanidade, portanto, capaz de ser usado por todos os homens, porque produzido pela mão e pelo espírito humano. Do registro puro simples, ao ornamental, a organização do conhecimento a nível arquetípico e dialético, é sempre a expressão da cultura e da consciência do homem.

Jacob Klinitowitz

O dadaísmo perdeu um de seus últimos representantes: o cineasta Richter.

Hans Richter, um dos primeiros seguidores do Dadaísmo, e um de seus últimos sobreviventes, não vai estar presente quando o movimento completar sessenta anos, no dia 31 de março. O pintor, escultor, escritor e cineasta faleceu no dia primeiro de fevereiro, numa clínica de Lorcarno, na Suíça, poucos dias antes de completar 88 anos. Suíços informaram ao sistema de notícias.

Na véspera do quadragésimo aniversário do movimento, Richter colaborou nas comemorações escrevendo o artigo "Dada e Filme" para o

livro publicado pelo editor suíço Arthur Niggli, intitulado "Dada, Monografia de um Movimento". E, na verdade, apesar de suas obras plásticas estarem espalhadas pelos museus de todo o mundo, Richter foi importante dentro do movimento. Dadaísta por ter sido o único a levar seus conceitos ao cinema. E considerado o precursor do desenho abstrato, e ganhou um prêmio na Bienal de Veneza de 1947 com um filme "Sonhos que o Desejo não Pode Comprar".

Richter nasceu em Berlim em seis de fevereiro de 1888. Estudou nas universidades de Berlim, Weimar e Paris. Em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, Richter estava em Zurique, apoiando Janco. Tristan Tzara e outros na fundação do movimento que iria abalar os valores artísticos da época, afirmando que "a arte deve ser científica ao extremo, inútil e impossível de justificar".

Mas a importância de Richter como artista e pensador não foi só premiada em Veneza. Em 1941 a Fundação Guggenheim foi procura-lo em Zurique, onde viveu, e o convidou a lecionar em Nova York e Vermont.